

Unesp-Botucatu cria biotério de zebrafish e moderniza testes

Unidade é a 1ª na instituição a produzir animais Livre de Patógenos Específicos

A Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB), da Unesp, deu um passo histórico para a ciência brasileira ao inaugurar o primeiro biotério de peixes da espécie zebrafish (popularmente conhecidos como “paulistinhas”). A unidade destaca-se por ser a pioneira na instituição a produzir animais com o rigoroso status sanitário SPF, o que garante que os peixes sejam criados totalmente livres de doenças ou patógenos específicos, elevando a confiabilidade das pesquisas.

O centro recebeu um investimento de R\$ 2 milhões da Fapesp recentemente. Esse recurso está sendo aplicado na modernização das instalações para cumprir todas as normas do Conselho Nacional de Controle da Experimentação Animal (Coneca). Com essa reforma, a Unesp se equipara a centros de excelência global, como o Instituto Butantan, transformando-se em um polo de cooperação que une cientistas de diversas faculdades de Botucatu e de outras instituições paulistas.

Modelo ideal

O zebrafish, um pequeno peixe de água doce com comprimento de apenas 5 cm e corpo listrado, tornou-se o protagonista dos laboratórios modernos. O motivo é uma semelhança surpreendente com os seres humanos: compartilhamos 71% do nosso material



Divulgação/Unesp

Centro recebeu R\$ 2 milhões da Fapesp para a reforma e modernização das instalações

genético com ele. Essa proximidade biológica faz com que o peixe reaja de forma muito parecida ao homem quando exposto a novos medicamentos ou substâncias tóxicas, tornando-o ideal para testes de segurança e eficácia antes de experimentos com humanos.

Além da utilidade médica, o paulistinha é um termômetro para o meio ambiente. Como ocupa um lugar central na natureza, qualquer dano sofrido por ele indica um risco para todo o ecossistema. Essa ca-

racterística reforça o conceito de “Saúde Única”, que defende que o bem-estar dos humanos, dos animais e da natureza está interligado. Assim, o biotério de Botucatu serve tanto para a medicina quanto para a proteção ambiental.

Ciência sustentável

Uma das maiores vantagens do zebrafish é o impacto ético e econômico. Diferente dos camundongos, que ainda são os animais mais usados na ciência, o peixe paulistinha é muito mais

barato de manter — custando cerca de dez vezes menos por dia. Além disso, ele é transparente durante o crescimento, o que permite que os cientistas observem o desenvolvimento de seus órgãos internos sem a necessidade de sacrificar o animal, reduzindo drasticamente o sofrimento envolvido nas pesquisas.

Outro ponto importante é a rapidez: um casal de peixes pode gerar centenas de ovos semanalmente, e em apenas dois dias os filhotes já eclodem. Por terem um sistema nervoso simplificado

nos primeiros dias de vida, muitos testes realizados nessa fase inicial são classificados como métodos alternativos, poupando animais adultos. Devido a essa eficiência, a expectativa é que agências reguladoras, como a Anvisa, passem a aceitar cada vez mais os resultados obtidos com essa espécie.

Avanço

A estrutura renovada terá um papel fundamental no desenvolvimento de novos produtos nacionais. O local dará suporte, por exemplo, à fábrica-escola de biofármacos da Unesp, que trabalha em inovações como um selante cicatrizante e um soro contra picadas de abelhas. Antes de chegarem ao mercado, esses produtos precisam passar por rigorosos testes de toxicologia para garantir que não causem efeitos colaterais nos pacientes.

Além da área da saúde, o setor agrícola também será beneficiado. Pesquisadores da Faculdade de Ciências Agrônômicas pretendem utilizar o zebrafish para avaliar a segurança de novos defensivos agrícolas, garantindo que os insumos usados nas lavouras não prejudiquem a vida aquática ou a saúde pública. Essa união de esforços entre diferentes áreas da ciência coloca a Unesp na fronteira do conhecimento tecnológico, promovendo uma pesquisa mais rápida, barata e ética.

Bombeiros protagonizam resgate emocionante de cão

Reprodução/Governo de SP

O Corpo de Bombeiros protagonizou um resgate emocionante no último dia 12, na cidade de São Roque. Após serem informados de que um cão estava há quatro dias em situação de risco em uma pedreira, com possibilidade de cair de uma altura de cerca de 100 metros, as equipes realizaram um rapel para salvá-lo.

Tudo aconteceu no Pico da Pedreira, conhecido popularmente como Pedreira do Marmeleiro. O animal havia sofrido uma queda e permaneceu na parte alta da encosta, de onde não conseguia sair.

Diante da situação, uma equipe do 15º Grupamento de Bombeiros foi acionada. Os profissionais fizeram o reconhecimento do local a partir do topo da pedreira e constataram que o cão estava aproximadamente 15 metros abaixo do ponto de acesso seguro.



Animal estava há 4 dias em situação de risco em pedreira

Diante do cenário, foi montado um sistema de rapel com ancoragens seguras, seguindo os protocolos de salvamento em altura. Assim, foi possível alcançar o animal, que foi imobilizado e içado juntamente com um dos bombeiros, com a

ajuda de um sistema mecânico.

O resgate foi um sucesso, e o cão aventureiro saiu ileso, sem ferimentos, reafirmando o compromisso do Corpo de Bombeiros com a preservação da vida, em qualquer cenário.

Por Agência SP

Mau cheiro perturbou os foliões em Rib. Preto

No último domingo (15), foliões que curtiam a programação de carnaval no entorno do Clube de Regatas, em Ribeirão Preto, relataram um forte odor de produto químico vindo do Rio Pardo. Frequentes do evento relataram na internet que o desconforto no recinto os forçou a abandonar a festa mais cedo. A administração do Clube acionou as autoridades no mesmo dia.

No dia seguinte, na segunda-feira (16), a polícia e a Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb) deram início a um inquérito para investigar o suposto despejo ilegal de amônia no rio.

“As nossas equipes se deslocaram até o local e fizemos a constatação, inclusive na presença de equipes do Corpo de Bombeiros, e de fato o ambiente estava bastante saturado com gás,

produto químico semelhante a amônia”, diz Otávio Augusto de Lima Seminate, coordenador da Defesa Civil de Ribeirão Preto.

Uma varredura aérea e fluvial, com drones e equipes em embarcações, identificou um possível foco de poluição química próximo ao leito do rio. O proprietário, presente na ação, negou irregularidades, afirmando que a área recebe somente resíduos de podas vegetais.

O Clube de Regatas, por meio de nota em rede social, explicou que a “origem do odor não partiu de nenhuma operação, atividade ou dependência interna do clube, mas sim de um ponto localizado na margem oposta do rio”. Além disso, constatou que foi registrado um Boletim de Ocorrência para formalizar os fatos e garantir o acompanhamento pelas autoridades.